

«ÁTOMO» NAS LETRAS

Por João Gaspar Simões

A crise no nosso movimento editorial parece ter detido a vaga de romances com pretensões sociais que durante anos alastrou pelas livrarias, desfazendo-se em espuma, como era natural, uma literatura, sem dúvida alguma de boas intenções, embora, incontestavelmente, de realizações péssimas. Tenho dito e repetido o que estava dito e repetido pelos críticos que antes de mim abordaram o mesmo assunto, ou seja, que as obras de ficção requerem, da parte de quem as realiza, uma sólida experiência das circunstâncias em que se envolvem as personagens cuja história se pretende contar. E se é verdade que não há experiência da vida só por si bastante para que um romancista escreva um bom romance ou para que um contista conceba uma boa história, não há dúvida que o talento desapoiado da experiência dificilmente consegue vingar. Ora, se o conto e o romance portugueses cultivados pelas gerações que precederam a dos imprópriamente chamados neo-realistas, (se alguma coisa faltava nos contos e romances do neo-realismo era, precisamente, *realidade*) pecavam por qualquer grave defeito, esse defeito não era o da falta de experiência da realidade, pois, os contistas e os romancistas de 1927 tinham tido o cuidado de não escolher as suas personagens fora das coordenadas sociais do seu próprio meio — da sua própria experiência humana.

Já um dia pretendemos explicar as razões que ora me levam a dizer o que estou dizendo. Repetindo-me — é sina nossa repetirmo-nos, tão pouco variado é o panorama literário e social que nos cerca, — direi outra vez que a generalidade dos escritores portugueses é recrutada numa mesma classe social — a classe média, ou a pequena burguesia, se quiserem. Esta circunstância pesa gravemente — e nisto damos inteira razão aos neo-realistas — pesa gravemente, dizíamos, nas condições *experienciais* que condicionam a ordem de problemas e a natureza das figuras que os nossos contistas e romancistas estão habilitados a estudar. Conduzidos pelo idealismo das suas ideias sociais a renegar os problemas que se põem ao homem da sua classe, problemas que, pelo facto de serem problemas de uma classe que perdeu, segundo eles, significado histórico, em si mesmos nada representam já de significativo para quem concebe o mundo de um ponto de vista de luta de classes, e-los que se debruçam sobre os problemas da classe que consideram a depositária do destino da sociedade humana. E, então, que vemos? O que era natural que se visse — o esforço inglório de indivíduos que nunca pegaram numa picareta nem nunca andaram no alto mar, que nunca entraram numa cozinha de aldeão nem nunca dormiram num vão de escada, que nunca pediram esmola nem nunca foram despedidos, o esforço inglório, dizia, de indivíduos assim para pintarem o quadro de uma realidade social de que não têm a mínima experiência. E parece-me inútil insistir na irrisória qualidade das obras produzidas em circunstâncias tão evidentemente viciosas.

A crise, repito, parece ter contribuído para deter o fluxo das obras e dos autores enfermos deste vício originário. Tem havido tempo para reflectir na insensatez de um propósito cujos resultados estão à vista. Salvo dois ou três nomes e duas ou três obras, dessa maré de «ficionistas» que nos deu o último decénio nada mais resta. E, assim, é grande a nossa satisfação quando, como neste momento acontece, nos chega às mãos um livro onde o neo-realismo comparece depurado de todos os seus vícios fundamentais. José Cardoso Pires, o autor de *Os caminheiros e outros contos* (*), livro de estreia, surge no momento necessário e com os predicados indispensáveis para escrever a obra de sentido social que os neo-realistas não foram capazes de realizar. Lendo as páginas do seu livro, especialmente os seus melhores contos — *Os cami-*

* O LIVRO DO MÊS:

* «Os Caminheiros e Outros Contos»

* por José Cardoso Pires

* * * * *

nheiros, Carta a Garcia, Salão de vintém e Estrada 43, este, quanto a nós, uma grande página da nossa literatura de ficção — veio-nos ao espírito o sentimento de que nos encontrávamos em frente de um homem que não falava de cor das pessoas, dos objectos, dos sentimentos e das reacções que nos pinta. Uma sólida linguagem precisa — os nomes das coisas proferidos com exactidão, o diálogo das personagens de um plebeísmo em primeira mão — e sobretudo uma completa ausência de sentimentalismo na maneira de revelar as mais cruas circunstâncias da vida dos seus caminheiros ou dos seus marítimos, dos seus *maloios*, ou dos seus magalas, das suas mulheres do povo ou dos seus vadios, isto é, a obediência àquele princípio que já fazia dizer a Tchekoff que quando pintava, nos seus contos, ladrões de cavalos nunca lhe vinha à cabeça a ideia de mostrar aos seus leitores que era feia acção roubar cavalos. Se o princípio a que têm obedecido os nossos neo-realistas, salvo honrosas excepções, os obriga a manter para com os seus heróis de extracção popular uma como que piedosa e romântica atitude, atitude esta mercê da qual esses heróis perdem a virilidade humana, tornando-se moles e empapados como as crianças que as tias velhas enrolam em camisolas, não vá o frio constipá-las, aquele a que obedece o autor de *Os caminheiros* é outro, bem outro, pois é o princípio a que era fiel o autor da *Estepe* — filiação repúdio de qualquer pietismo social. Sim, José Cardoso Pires, pressenti-o, e disso tive depois a confirmação, não é um desses bachareis enamorados das «virtudes» do povo graças à leitura dos doutrinários de qualquer credo social: é um homem que viveu com o povo, é uma consciência que se

formou na escola da vida — um homem cuja escala de valores humanos lhe foi dada pela experiência directa do mundo que nos pinta.

Quão longe estamos do sentimentalismo pseudo-poético desses neo-realistas da escola dos Amados! Cardoso Pires arredou de si os brasileiros e foi à fonte — a Hemingway ou Steinbeck. Mas o que aprendeu com os mestres do conto norte-americano não lhe deu um verniz literário a fingir de humano. Não: com a leitura das obras destes contistas aprendeu apenas a ser directo e sóbrio. Com eles se familiarizou na narrativa em que a visão e a montagem são cinematográficas, desprendido de efeitos género *morceau de bravure* ou de fechos espectaculosos. Os seus contos começam e acabam como se a história que eles «focam» — e aqui «focar» é palavra usada com plena significação óptica — tivesse principiado antes e continuasse para além do momento em que a objectiva do escritor se fixa sobre o episódio «focado». O diálogo domina a acção e esta ocupa por completo o *écran* da ficção.

Como é de presumir os contos de *Os caminheiros* não deixam que o autor tome o lugar das personagens, nem consentem que estas sejam o portavoz daquele. E isto quer dizer que não há vislumbre de proselitismo nas histórias quase sem história de Cardoso Pires. (Pois bem, sem proselitismo algum, e completamente objectivos como são os temas e as figuras dos contos de *Os caminheiros* (porque não apenas *Caminheiros*, sem o artigo definido?), poucas vezes nos tem sido dado ler obra portuguesa de intenções sociais em que a lição social mais nos aproveite. Porquê? Pela simples circunstância de que essa lição está implícita, não explícita — é a própria condição de vida das personagens —: os cegos que os caminheiros das estradas «vendem» entre si como quem compra ou vende uma ferramenta para ganhar a vida, os trabalhadores que ao sol da charneca alentejana espalham sobre o macadame, o alcátrão incandescente, os desertores que o comboio leva para a fortaleza onde vão cumprir a pena, broncos, inconsistentes e primários, os filhos que roubam os pais e as irmãs que trabalham dia e noite, quase cegas, sem dinheiro para comprar umas lentes para os olhos, os velhos marítimos que a insubordinação lançou na vadiagem dos cais, a parturiente que dá à luz o filho do homem que está a ferros — uma galeria de figuras e um fresco de «trabalhos» só por si, na sua dramática objectividade, acusações, recriminações, libelos sociais.

Um dos sintomas da autenticidade de uma página de ficção é na verdade o conhecimento exacto do nome dos objectos e das coisas que se nos descrevem. Cardoso Pires manifesta esta alta virtude. Sem sombra de regionalismo nem mácula de exibição vocabular, põem-nos em contacto com a realidade, descrevendo-a, efectivamente, com o menor número de palavras, mas com as palavras de que era mister. E a linguagem dos seus soldados é linguagem de autênticos soldados, o calão dos seus marítimos é calão de autênticos marítimos, a algaravia das suas mulheres do povo é a algaravia de autênticas mulheres do povo. Além disso, sóbrio como é, tem o dom da evocação da paisagem e do ambiente, quase sem os descrever, pois descreve-os, em verdade, com a mais económica das adjectivações e a mais feliz escolha dos pormenores que

LIVROS TÉCNICOS EDITADOS POR «O VOLANTE»

Editados pela revista «O Volante» encontram-se à venda com enorme êxito duas obras de grande utilidade para todos os profissionais ou amadores da técnica e da condução de veículos automóveis. Uma das obras, «Manual do Diesel Automóvel», cuja primeira edição foi posta recentemente à venda, trata de forma clara e pormenorizada de toda a mecânica dos motores diesel aplicados aos veículos pesados, descrevendo os vários modelos, seu funcionamento, processos de conservação, revisão e reparação. Analisa também com pormenor os sistemas de bombas de injeção e a forma da sua regulação e afinação.

A outra obra que interessa a todos que conduzem automóvel tem por título «Como se aprende a conduzir automóvel», pois pela forma desenvolvida e clara, como está tratada a parte mecânica, torna-se um auxiliar valioso para todos os volantes conscienciosos, quer profissionais quer particulares, que nele encontrarão úteis ensinamentos sobre o tratamento e funcionamento dos veículos automóveis.

«O Volante» tem ainda em preparação a segunda edição do «Vocabulário Técnico Inglês-Português» bastante aumentada e anotada, com o significado em português dos termos ingleses referentes ao automóvel.

(*) Centro Bibliográfico, Lisboa, 1949.

ajudam a vér e a evôcar. Veja-se esta «mancha» da terra alentejana:

«É quando os primeiros calores começam a endurcer os terrenos alagadiços do sul. O lodo assenta no fundo, das águas paradas espreitam as estacas podres da palanca. As rãs da última postura ficam-se enterradas no lodaçal, vendo a água a desaparecer lentamente, e mais tarde rebentam ao sol com a pele inchada e seca.»

É assim que entramos no inferno da *Estrada 43*, o melhor conto do livro, página realmente excepcional, serena pintura de uma tragédia, por assim dizer quotidiana, que na mesma circunstância de ser serenamente contada, mais avulta nas suas cruas pinceladas. Um trabalhador, no meio do rancho de homens que abre uma estrada, leva aflitivamente as mãos à cara. O alcatrão a ferver espirrou-lhe para o rosto. Correm sobre ele os companheiros, mas o homem geme como um animal ferido, as faces escondidas entre as mãos. Quando lhe querem descobrir o rosto, as mãos estão fundidas à pele da cara, e o alcatrão colado à pele é como que um ferro em brasa.

Bastaria este conto para que José Cardoso Pires ocupasse, por direito legítimo de conquista, um lugar na galeria dos nossos primeiros contistas. Mas, à excepção apenas de uma das histórias do seu livro, *Amanhã, se Deus quiser*, apontamento insufficientemente condensado (é-lhe prejudicial a forma directa da narrativa), todos os demais o acreditam como um dos jovens escritores portugueses de mais poderosas faculdades narrativas com quem tenho travado relações nestes últimos anos. Que os seus dons se consolidem, que ganhe confiança no seu talento — e teremos em breve um grande escritor de ficção.